

A MULHER: INEXISTENTE OU EVIDENTE.

Leda Verdiani Tfouni (lvtfouni@usp.br) & Paula Chiaretti (paula_chiaretti@hotmail.com).

A ignorância da anatomia como índice de diferenciação sexual pelo inconsciente coloca Freud diante das questões: como os seres humanos se dividem entre homens e mulheres? E o que leva um homem a uma mulher?

É por conta do Édipo e da ameaça de castração que o sujeito renuncia ao seu objeto primordial (a mãe) e ao gozo que se refere a este objeto. E é esta renúncia (ao incesto) que leva um homem a amar sexualmente uma mulher. A pergunta freudiana “O que quer a mulher?” é resultado do seu fracasso em generalizar para a menina o Édipo e o posicionamento diante da castração. (SOLER, 2005). É assim que a mulher se torna uma questão para Freud.

Para Lacan, no retorno à obra de Freud, a dessimetria entre os sexos, lida pela via do gozo, é o que impede o sujeito de fazer Um, e é neste sentido que Lacan postula a fórmula “não há relação sexual”: na medida em que há um ‘a mais’ de gozo, distinto do gozo fálico, que impede a completude. Isto se relaciona ao simbólico e à linguagem: a falta constitutiva do sujeito (o que o faz falar) é inaugurada a partir da falta no Outro, “tesouro dos significantes”. Esta falta no Outro equivaleria a “tudo não se diz”, ou seja, o simbólico não recobre todo o real. Quando o sujeito diz x, ele deixa de dizer y (fórmula tão preciosa à Análise do Discurso).

Assim, Lacan retomará questão da mulher com o auxílio de uma lógica apoiada no não-todo (de modo a suportar a contradição) para falar daquilo que em alguns seres não se inscreve na norma fálica, em outras palavras, escapa à apreensão significante. Este não-todo (inscrito na norma fálica) é o que Lacan chamará de *A* mulher. Não é que ser mulher implique na inscrição do sujeito no lado não-todo, mas sim que aqueles sujeitos que se inscrevem neste lado são chamados de mulheres. Assim, enquanto a lógica do falo produz o homem, *A* mulher não cessa de não se escrever, o que o coloca no campo do real. A imposição do Nome-do-pai

instaura no sujeito a lei do simbólico e institui um “a mais” ao gozo fálico. Gozo que se inscreve no lado da mulher, gozo outro (SOLER, 2005).

No seminário *As Psicoses*, Lacan afirma que “não há significante do sexo feminino”. O falo é que é elevado ao significante. Sauret (1998, p. 19) explica que “não existe no Outro um significante que diga o que é uma mulher: homem e mulher são significantes que, por essa razão, representam o sujeito que fala”. Isto devido ao fato de o sujeito do significante (sujeito falante, que habita a linguagem) estar inscrito na via do falo. Há ainda um gozo que não se inscreve nessa via, que não pode dizer-se. Por isso, Lacan chega à afirmação de que *a* mulher não existe (no simbólico). O significante “A mulher” não existe, ele é cortado do simbólico, e por ser impossível de dizer se relaciona ao campo do real.

Há alguma coisa que falta, que falha, e que a Análise do Discurso vai tratar como o real da língua (PÊCHEUX; GADET, 2004), ou seja, linguagem não recobre todo o real que por sua vez faz furo à linguagem, irrompendo e deixando indícios da sua passagem na materialidade do discurso, pelas elipses, falhas, atos falhos etc.

O real da língua, que Milner (1987) vai tratar como a alíngua, se relaciona com o não-todo da mesma forma como a língua se relaciona ao todo. A alíngua, como aquilo que excede à língua, é o não representável. O que não impede que os sujeitos constantemente tentem contornar este real.

É somente no plano imaginário que o sujeito pode fazer Um, ilusão de completude que cria o sentido da realidade, que se opõe na psicanálise ao real. A realidade se relaciona, para Sercovich (1977, p. 34), com as formações imaginárias, ou seja, com o “conjunto de los discursos predominantemente transparentes operantes en una coyuntura determinada”, enquanto o real é o impossível e o contingente.

Entretanto, a despeito do impasse freudiano, da afirmação lacaniana acerca da inexistência de um significante da feminilidade, e da observação pècheutiana de que não se pode dizer tudo (há algo de real que escapa da inscrição significante), observamos

mensalmente uma enxurrada de revistas autodenominadas femininas que supostamente falam sobre o que é a mulher e o que ela quer. Minha pesquisa parte deste corpus e propõe a análise a partir das formulações da Análise do Discurso Pêcheutiana.

Eis o recorte, retirado do site da Editora Abril, que me proponho a analisar neste trabalho: **“CLAUDIA: independente, sem deixar de ser mulher”**.

A primeira coisa que me chamou a atenção para este recorte foi o “sem deixar de”, que indicia uma oposição entre a atribuição anterior (independente) e a posterior (mulher). Por oposição, neste caso, poderíamos supor a atribuição de “independente” ao homem, sendo este “independente” algo que ameaça o ser mulher, na medida em que sendo independente corre-se o risco de deixar de ser mulher.

Este “ser mulher”, neste enunciado, aparece como algo naturalizado e evidente, sobre o qual nem ao menos seria necessário precisar o significado: ser mulher é em si uma evidência. Esta naturalização de sentido é fruto da interpelação ideológica, resultando num efeito imaginário de identidade.

O efeito imaginário de identidade é resultado da identificação de um sujeito a uma determinada nomeação que tenta camuflar sua falta, dando a ilusão de uma completude. Tenho trabalhado, no mestrado com genéricos discursivos, definidos por Tfouni (2004, p. 79) como “provérbios, *slogans*, máximas, rezas, ‘fórmulas encapsuladas’ (conforme LEMOS, 1984), resumos historicamente constituídos de experiências e atividades do homem sobre o (no) mundo (...) codificam valores e crenças”. Assim, a repetição de certos enunciados os torna aparentemente transparentes, devido à sedimentação da evidência de um sentido.

Utilizando as formulações de Haroche (1992) para quem “seja pelas cifras ou pelas palavras, o projeto é idêntico: *tornar visível a interioridade e o corpo por inteiro*. Pelo viés da transparência, o poder procura tornar o sujeito ‘sem defesa’, procura disciplinar e normalizar a sua subjetividade” (HAROCHE, 1992, p. 21). Podemos dizer aqui que este também seria o projeto destas revistas femininas: domesticar sentidos sobre a mulher, que uma vez

enunciados, perdem-se daquilo que a psicanálise irá chamar de *A* mulher. Estas tentativas de contorno do real e de montagem de um todo não passam de fantasmas. A unidade imaginária das mulheres, como uma classe circunscrita, neste sentido, é resultado de uma injunção à interpretação/nomeação daquilo que faz furo ao simbólico, o real. Entretanto, ao se tentar dar contorno a este real, mais uma vez ele escapa.

Sercovich (1977) aponta como transparente o predomínio da função imaginária nos discursos. Podemos dizer que “mulher” neste recorte seria uma “imagem”, no sentido que Sercovich emprega o termo, já que põe em jogo mecanismos como “ocultamiento del significado, remisión directa a la ‘realidad’, sobredeterminación códica, ausencia de las condiciones productivas” (SERCOVICH, 1977, p. 34).

Enquanto Freud tentava colocar todas as mulheres em um conjunto, o da “inveja do pênis”, para Lacan, “o falo e a castração não mais se colocam como obstáculos à feminilidade, mas, ao contrário, como as condições para toda a feminilidade possível” (ANDRÉ, 1998, p. 28), uma vez que, em Psicanálise, só se chama *mulher*, aquilo que se inscreve na parte do não-todo, e que por não se inscrever toda na norma fálica, tem a ver com o real, é impossível de dizer. Bastante diferente da *mulher* da revista feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer.** São Paulo: Hucitec, 1992.
- LACAN, J. **O seminário, livro 3: as psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. **O seminário, livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MILNER, J. **O amor à língua.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PECHEUX, M. & GADET, F. **A língua inatingível.** Campinas: Pontes, 2004.
- SAURET, J. **O Infantil & A Estrutura.** São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.
- SERCOVICH, A. **El discurso, el psiquismo y el registro imaginário: ensaios semióticos.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.
- SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- TFOUNI, L. **Letramento e Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2004.